

**FONTES DE POSTULADOS DISCURSIVOS NO
ESTUDO DA AFASIA**

MARIA IRMA HADLER COUDRY

Departamento de Lingüística & Unidade
de Neuropsicologia e Neurolingüística
IEL/UNICAMP - CNPq proc. 303875/85-6

Neste texto resumo o estado inicial e atual de trabalhos teórico-clínicos em Neurolingüística, apresentando um apanhado da perspectiva discursiva que orienta a relação com os dados e com o acompanhamento longitudinal dos estudos de sujeitos cérebro-lesados. Começo lembrando pontos centrais do Diário de Narciso, minha tese de doutorado (1986), orientada pelo Prof. Franchi, tentando levar avante o estudo da patologia da linguagem no âmbito da Lingüística, o que explicito nas relações com a análise do discurso de terceira geração (Pêcheux, 1990).

É no acompanhamento longitudinal - que elegi como princípio deontológico para estudar a linguagem patológica e para estabelecer vínculos constitutivos na interlocução com sujeitos afásicos (Coudry, 1988) - que se estabelece a avaliação de sintomas neurolingüísticos e se organiza o instrumental terapêutico. Estas duas portas de acesso às dificuldades lingüístico-cognitivas dos sujeitos afásicos se fazem a partir de situações discursivas, dialógicas, que são o modo de ação primeiro em que se exercita a linguagem oral, como mostram de Lemos e outros pesquisadores do Projeto de Aquisição da Linguagem, da UNICAMP.

O processo dialógico caracteriza a linguagem e é o lugar de constituição para outros modos de ação verbal, já que constitutivos da construção e, conseqüentemente, da reconstrução de processos de significação, no contexto patológico. Esse lugar para a prática clínica tem sido sobretudo o diálogo por ser uma função lingüística em que o enunciado é enunciado de si mesmo, numa instância que é única. A narrativa, ao contrário, supõe que o sujeito domine o enunciado do enunciado (Irigaray, 1969:12). Por isso, nos protocolos de avaliação, expedientes dialógicos ocupam um lugar de reorganização das dificuldades; a narrativa se faz quando bases dialógicas estão minimamente garantidas. Nesse processo de ajuda instrumental para que o sujeito reconstrua pontos fundamentais de sua atividade verbal e cognitiva, o comentário dialógico tem se revelado um expediente que fortalece as possibilidades de "contar" através da linguagem.

No processo de avaliação e seguimento longitudinal, a ação do investigador não pode limitar-se a trabalhar as condições de produção. Cabe a ele

(e nesse caso somente a ele) refletir sobre a natureza da produção lingüística problemática de cada sujeito e sobre os vários aspectos da linguagem que apresentam alterações relativamente ao modo de funcionamento da linguagem (esse é o papel do neurolingüista).

Princípios teórico-metodológicos indicam ao pesquisador os pontos de deriva possíveis, para usar um termo feliz de Pêcheux (1983/1990: 53), da análise dos dados variados que nascem de discursos produzidos em contextos reais. O investigador não é um sujeito exterior e distante que "observa, analisa e teoriza", mas um verdadeiro interlocutor que participa do espaço de linguagem em que o afásico se reconstitui como sujeito. O investigador contribui oferecendo as condições para o afásico operar com a linguagem (transformar, cortar, instruir, inserir, dizer de outra maneira, comentar, recorrer a elementos paraverbais, etc.) e atuar sobre o outro e sobre o mundo.

A afasia se caracteriza por alterações de processos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, podendo se associarem a alterações de outros processos cognitivos (apraxias, agnosias, acalculia). Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção e de interpretação.

Estas alterações podem dizer respeito à dificuldades com a produção articulatória, envolvendo ou não o nível fonológico, com a seleção lexical ou tópica, envolvendo o nível semântico, com a organização sintática, com a expressão das relações semânticas, quer do ponto de vista da produção de relações de sentido como da tarefa interpretativa; podem ainda referir-se a dificuldades na produção e interpretação de expressões lingüísticas em determinadas situações discursivas; podem, também, dizer respeito a problemas na relação da linguagem com os sistemas de referência ântropo-culturais que o "sujeito pragmático - isto é, cada um de nós, os "simples particulares" partilha com uma dada comunidade (Pêcheux, 1983/1990:33).

O interesse pelo estudo das afasias tem sido o de investigar, por meio de análise de mecanismos lingüístico-cognitivos, os processos de significação alterados e quais as alternativas de que o sujeito lança mão na superação de suas dificuldades (ver Coudry & Morato, 1990, Damasceno, 1990 e Morato & Coudry, 1991).

Não se trata somente de inventariar os desvios da linguagem do afásico em relação ao sistema lingüístico utilizado pelos sujeitos não afásicos: não existe, na prática com a linguagem, nenhum sujeito médio ideal, que possa ser tomado como padrão para uma bateria fixa de estratégias. Nem se trata somente de um viés de linguista para o qual a linguagem é certamente, além de uma prática, um objeto de conhecimento. Trata-se sobretudo de apreender no discurso verbal e mental (mesmo quando fragmentário) os modos pelos quais ele organiza e estrutura os recursos expressivos de que dispõe ou os mecanismos alternativos pelos quais ele

supre suas próprias dificuldades, de descobrir pelos indícios de sua fala e pelas suas manifestações explícitas, as hipóteses que ele mesmo faz a respeito dessa estruturação e dos mecanismos que ele põe em jogo para produzir significações, de definir com acuidade o lugar de suas dificuldades, sobre as quais deve operar. Adotando a hipótese da indeterminação radical da linguagem (Franchi, 1976, 1977) e, portanto, a de que muitos fatores se aliam na produção da significação, não se pode chegar à posição radical insustentável de que essa significação se produz sem expressões lingüísticas, ou que estas expressões se produzem sem regras construídas em uma práxis ântropo-cultural.

Isso se assemelha à noção de **regularidade discursiva**, conceito fundamental que orienta minha prática com a linguagem, assim definida por Maingueneau:

De forma mais geral, a toda formação discursiva é associada uma memória discursiva, constituída de formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações. "Memória" não psicológica que é presumida pelo enunciado enquanto inscrito na história (...). O "domínio da memória" representa o interdiscurso como instância de construção de um discurso transverso que regula, tanto o modo de doação dos objetos de que fala o discurso para um sujeito enunciator, quanto o modo de articulação desses objetos".

(Maingueneau, 1989:115)

Pêcheux ajuda a deixar mais clara esta posição:

(...) é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes.

(Pêcheux, 1983/1990:54)

O estudo de dados de pacientes que recobre todo o processo verbal (atividade lingüística, epilingüística e metalingüística), mostra alterações de características constitutivas do processo de significação das línguas naturais; e uma das características constitutivas das línguas naturais é sua heterogeneidade, como mostra Authier-Révuz (1982), inspirada em Bakhtin (historicidade e dialogicidade como características básicas das línguas) e na psicanálise (pelo que esta abordagem revela sobre a potencialidade do significante de ser contexto de produção de sentidos). Afirmar a heterogeneidade das línguas naturais é recursar-se a tratá-las como código, e postular sua indeterminação. Conceber a língua como código é

postular que o conteúdo semântico está integralmente envelopado em estruturas sintáticas.

O contrário é postular a indeterminação das línguas, isto é, que não há relação biunívoca entre forma e conteúdo, de maneira que ora as formas de expressão são redundantes, ora insuficientes; ora o mesmo sentido se expressa por várias formas, ora a mesma forma expressa vários sentidos (Franchi 1976, 1977). Ou como diz Pêcheux (1975/1988:263), "o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição". Assim, fatores contextuais, de alcance imediato (como os situacionais) ou mesmo constitutivos (como as condições mais gerais de produção) não são meros acréscimos, mas definidores das condições de existência e de prática discursiva das línguas naturais (Maingueneau, 1979:56).

A idéia básica da heterogeneidade é a de que todo discurso tem com outro uma relação não casual, mas constitutiva. Esta relação pode ser mostrada, quando há marcas (p. ex., discurso direto, indireto, ironia, pressuposição, ambigüidade lexical, considerações epilingüística do próprio locutor, etc.) ou não estar visivelmente marcada e, no entanto, ser relevante. Assim, um discurso tem com outro uma relação de oposição, de complementaridade, de inclusão, etc, mesmo que isto não se explicita num texto. Isto é de sua natureza enunciativa e é da história das línguas, nas quais todas as palavras são atravessadas por muitos discursos, isto é, têm uma história que está longe de ser a de um sentido convencional pacificamente atribuído ou de uma univocidade de sentido, etc. Assim, a ambigüidade, a proliferação dos sentidos, fruto de associações com outras palavras e outros textos, é básica, não excepcional ou circunstancial ou acrescida (Possenti & Coudry, 1991 e Coudry & Possenti, 1991).

Expedientes lingüísticos como piadas, instruções, provérbios, clichês, regras de vida, comentários, histórias, fábulas, lembranças vivem da heterogeneidade. Dos múltiplos efeitos de sentido ligados ou associados, livres ou "convencionalmente", às mesmas formas; da relação de formas com seu "exterior", que tanto pode ser uma situação visível (um fato), quanto algo que é resultado de um contexto lingüístico.

Porque não incorpora a heterogeneidade do discurso de que participa, o portador de afasia manifesta uma forte tendência a uma mesma interpretação: em geral, esta é determinada por uma característica de tipo "objetal": o único sentido a que tem acesso é o que se relaciona diretamente com determinado objeto; com literalidade estrita; ou com sua experiência pessoal.

O estudo da patologia da linguagem no âmbito da Lingüística, a partir da afasia e, mais recentemente, da síndrome frontal e das demências senis progressivas, as experiências com sujeitos afásicos e o registro longitudinal dos dados obtidos têm demonstrado que a própria percepção dos fenômenos e sua compreensão bem como a intervenção terapêutica dependem de o analista situar-se num posto de observação que considere a linguagem uma atividade constitutiva, cujos recursos

expressivos, remetendo a um sistema de referência são, sozinhos, insuficientes para a construção de processos de significação, como postula Franchi (1976, 1977).

BIBLIOGRAFIA

- AUTHIER-RÉVUZ, J. (1982) "Hétérogénéité montrée et Hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours", in *DRLAV*, 26: 91-151.
- COUDRY, M.I.H. (1988) *Diário de Narciso: discurso & afasia*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. & Possenti, S. (1991) "De que riem os afásicos?" (texto apresentado no II Encontro Internacional de Filosofia da Linguagem, Campinas).
- _____. & Morato, E.M. (1990) "Aspectos discursivos da afasia", in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 19, Campinas, IEL, UNICAMP, 127-145.
- DAMASCENO, B.P. (1990) Neuropsicologia da atividade discursiva e seus distúrbios, in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 19, Campinas, IEL, UNICAMP, 147-157.
- FRANCHI, C. (1976) *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*, Campinas, UNICAMP, Tese de Doutorado, inédita.
- _____. (1977) "Linguagem - Atividade Constitutiva", in *Almanaque*, 5, São Paulo: Brasiliense, 9-27.
- IRIGARAY, L. (1969) "L'énoncé en analyse", in *Langages*, 13, Paris: Didier/Larousse, 111-122.
- MORATO, E.M. & Coudry, M.I.H. (1991) "Digressão e confabulação na afasia: as formas marginais do dizer". Comunicação apresentada no XXXX GEL. A sair in *Estudos Lingüísticos*.
- PÊCHEUX, M. (1975/1988) *Semântica e Discurso*, Campinas: Pontes.
- _____. (1983/1990) *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, Campinas: Pontes.
- _____. (1990) A análise de discurso: três épocas (1983)", in Gadet, F. & Hack, T. (orgs.), *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- POSSENTI, S. & Coudry, M.I.H. (1991) "A relevância de piadas em protocolos de afasia", in *Estudos Lingüísticos XVI*, Anais de Seminários do GEL, França: 725-732.